

USO DE *BLOGS* NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Ana Paula Teixeira Porto*

Luana Teixeira Porto**

Resumo: No contexto educacional brasileiro, nota-se a necessidade de as aulas, tanto na Educação Básica quanto no ensino superior, incorporarem as tecnologias da informação e comunicação (TIC's) bem como as mídias em geral na promoção da aprendizagem discente e na qualificação do processo de ensino, visando à melhoria dos resultados. Nesse contexto, este artigo aborda o uso de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem de literatura no Ensino Médio com o objetivo de apontar que recursos tecnológicos como os *blogs* podem ser adotados no Ensino Médio para não apenas motivar os alunos a aprender e a analisar textos literários como também para ampliar o interesse discente pela aprendizagem da literatura, estreitando as relações que se estabelecem entre as aulas e as tecnologias disponíveis no espaço cibernético. Nessa reflexão, devido à sua potencialidade para interação e difusão de conhecimentos, o *blog* é apontado como uma ferramenta significativa para professores e alunos na abordagem da literatura enquanto instrumento propício para formação de bons leitores.

Palavras-chave: Aprendizagem. Literatura. Tecnologia. *Blog*.

1 Introdução

Estudos de diferentes autores apontam que o ensino de literatura na escola apresenta problemas. Chiappini (2002), por exemplo, destaca que o processo de ensino-aprendizagem da literatura no Ensino Médio tem se centralizado, na maioria dos casos, em um ensino que prioriza a abordagem da periodização literária, propondo como método de aprendizagem uma caracterização esquemática de tendências artísticas de cada escola literária em detrimento de uma análise e interpretação textual que focalize a leitura das obras dos escritores. Chiappini (2002) enfatiza ainda que existe uma ausência de articulação entre ensino de língua e da literatura, o que assinala dificuldades de fazer do ensino da literatura um exercício para desenvolvimento da competência de leitura crítica sobre o texto literário, em que o desvendamento de sentido da poesia ou das ficções e sua atribuição de valor e sua co-relação com a forma de escrever e as escolhas linguísticas possam estar em primeiro plano na

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e da Faculdade Dom Alberto.

** Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e da Faculdade Dom Alberto.



aprendizagem da disciplina. Já Braga (2006) chama atenção para o uso equivocado de materiais fílmicos para estudar obras literárias, prática corrente nas atividades de estudo de textos literários na escola. Usar filmes como pretexto para estudar obras literárias, de acordo com Braga (2006), pode ser apenas uma estratégia para apreensão de enredo, familiarização com personagens, mas não possibilita a percepção sobre a experiência estética da obra. Usar filmes como recurso pedagógico, na visão da autora, poder ser produtivo na medida em que o professor conseguir explorar um filme de modo a construir aprendizagens, discussões sobre a obra literária e sua adaptação para o cinema, reflexão sobre a intertextualidade, sobre as linguagens que caracterizam o texto literário e o texto fílmico etc.

Soma-se a isso o fato de que, em muitos casos (a maioria talvez) a literatura tem “concorrido” (a até perdido espaço, como se observa em exames e orientações curriculares emitidas por órgãos governamentais e legislações e parâmetros nacionais para a Educação Básica) no contexto educacional com outros tipos de texto, cuja leitura também se faz necessária no contexto educacional atual quando se observam as orientações para a formação de leitores na Educação Básica. Conforme Teixeira (2011), em estudo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul acerca de provas aplicadas pelo ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, um dos exames que avalia a aprendizagem dos alunos e conduz muitos currículos escolares, os resultados apontam que romances aparecem em apenas 12% das questões e contos, em três por cento, enquanto que as histórias em quadrinhos ocupam 19% dos testes de 1998 a 2010. Autores consagrados no cânone da literatura brasileira são, de acordo com a pesquisa, menos recorrentes do que autores de história em quadrinhos. São indícios de que o estudo da literatura na escola precisa alcançar novos rumos e encontrar alternativas que possibilitem a permanência da literatura no ensino básico dada a sua importância para a formação do leitor autônomo e crítico.

Nesse cenário em que se mostra urgente (re)discutir a forma de ensino-aprendizagem da literatura na escola, uma das possibilidades para que o exame de texto literários contribua para a ampliação de competência em leitura pode ser associar o ensino de literatura às tendências atuais marcadas pela era da “mídia-educação”, em que as mídias oferecem instrumentos propícios para perceber a realidade e difundir conhecimentos (BEVORT; BELLONI, 2009). O uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC’s) bem como das mídias como recursos pedagógicos podem promover a motivação para aprendizagem, familiarização da instituição escolar com o contexto atual e ainda favorecer a preparação dos alunos para a leitura e manuseio de textos inclusos na *web*.



Como recurso fecundo no contexto online, o *blog* torna-se uma ferramenta suscetível ao ensino-aprendizagem da literatura na escola. Os *blogs*, abreviatura de *weblogs*, de acordo com Gomes (2005), são páginas da internet que permitem atualizações e inserções de *posts* (imagens ou textos de pequenas extensões) que “permitem que a informação seja disponibilizada e tratada de forma assíncrona, sem prejuízo da qualidade desde que bem planejada.” (GIRAFFA; FORTES, 2008, p. 1). Sendo assim, o enfoque deste estudo é discutir como os *blogs*, nesse contexto educacional permeado pelas mídias e que apresenta entraves para abordagem da literatura no Ensino Médio, podem contribuir para o aprimoramento da habilidade de leitura de obras literárias.

Nessa perspectiva, este artigo aborda inicialmente uma contextualização da aprendizagem da literatura no Ensino Médio, sinalizando alguns de seus percalços para em seguida discutir o uso de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem de literatura com o objetivo de apontar recursos tecnológicos que podem ser adotados nesse nível de ensino para estimular o prazer pela leitura de textos literários e qualificar esse processo de formação de leitores. Dentre os recursos tecnológicos disponíveis para a aprendizagem, dá-se destaque para as tecnologias da informação e comunicação que podem ser exploradas no Ensino Médio. O *blog*, nessa perspectiva, é uma ferramenta tecnológica apontada como recurso que pode ser adotado para o ensino da literatura na escola.

2 A aprendizagem da literatura no Ensino Médio e uso das TIC's

São muitas as habilidades e os conhecimentos que cabem ao professor para que a literatura na escola alcance caminhos mais produtivos, e, quiçá, atinja o objetivo maior do Ensino Médio, que é o de formar cada aluno um leitor crítico do mundo segundo orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000). Nestes estão claras as diretrizes para que cada área do conhecimento seja desenvolvida nos contextos escolares em associação às tecnologias, entendendo-se, que, ao final do Ensino Médio, o aluno deva demonstrar domínio de “princípios tecnológicos” que “presidem a produção moderna”. No caso da literatura, esta está inclusa na grande área “linguagens e suas tecnologias”, na qual se devem formar “competências que dizem respeito à constituição de significados que serão de grande valia para a aquisição e formalização de todos os conteúdos curriculares, para a constituição da identidade e o exercício da cidadania” (PCN's, 2000, p. 92). Constituir significados implica produzir sentidos, interpretar textos, estabelecer relações entre textos, disciplinas, conteúdos, áreas de formação. As tecnologias, nesse contexto, são um meio para que os alunos demonstrem domínio de competências em cada área do conhecimento e assim

possam se inserir no mundo do trabalho, dinamizando o processo de ensino-aprendizagem: “a presença da tecnologia no Ensino Médio remete diretamente às atividades relacionadas à aplicação dos conhecimentos e habilidades constituídos ao longo da Educação Básica, dando expressão concreta à preparação básica para o trabalho prevista na LDB”. (PCN’s, 2000, p. 94).

Kenski (2003) tem publicações voltadas para o tema das tecnologias no ensino presencial e a distância e chama a atenção para a necessidade de não se confundir o sentido popular e o científico de “tecnologia”. Para a pesquisadora, existe, na sociedade de um modo geral, um conceito que reduz a percepção de tecnologia, associando-a algo negativo e assustador enquanto as tecnologias, na visão da autora, devem ser vistas como ferramentas e técnicas que são usadas para executar determinadas ações, as quais podem se referir tanto à construção de um produto ou à realização de atividades cotidianas quanto para o ato de aprender, como é o caso das tecnologias da inteligência, que são construções internas da memória do homem para aprender mais. Kenski (2003), além das tecnologias da inteligência, destaca as chamadas TIC’s, que são as tecnologias da informação e comunicação, atualmente muito usadas em cursos na modalidade a distância e que também podem ser exploradas no ensino presencial.

As tecnologias da informação e comunicação, através de suas diversas mídias, como a televisão, o rádio, a internet, possibilitam o acesso e a veiculação de informações em todo o mundo e, no campo da educação, alteram “a maneira de trabalhar em atividades ligadas à educação escolar” (KENSKI, 2003, p. 29). Essa alteração provocada pelas TIC’s na educação deve-se ao fato de que a informação não precisa mais ser repassada através do plano físico em tempo real, podendo ser transmitida por meio das tecnologias midiáticas. Para Kenski (2003), as TIC’s usadas no meio digital ainda modificam de modo especial o ambiente escolar porque propiciam um contato diferente do aluno com as formas de aprender e com o saber. Como explica a autora, em épocas anteriores, o conhecimento escolar ficava armazenado na mente dos professores ou era exposto nos livros didáticos e na biblioteca, e agora o aluno pode acessá-lo em espaços virtuais da informação: “Não importa o lugar em que o aluno estiver: em casa, em um barco, no hospital, no trabalho. Ele tem acesso ao conhecimento disponível nas redes, e pode continuar a aprender” (KENSKI, 2003, p. 32)

Essa forma virtual de ter acesso ao conhecimento, explorada de forma intensa em cursos a distância, pode, também, ser adotada na Educação Básica, pois os recursos são os mesmos e sua adoção pode se dar em qualquer nível de ensino. Porém, é preciso destacar que a adoção das TIC’s na escola não pode ser uma ação impositiva ou aplicada de forma



aleatória, já que o uso de TIC's requer, por parte do professor e da equipe pedagógica de um modo geral, domínio de ferramentas e clareza quanto aos objetivos, potencialidades e limitações que cada recurso apresenta. As mídias provenientes das TIC's podem oferecer tanto uma videoconferência, como uma videoaula, teleaula, um fórum ou um chat, entre outros recursos. O questionamento a ser feito sobre o uso de TIC's na educação refere-se ao modo como esses recursos serão usados na escola. Serão simplesmente atrativos para o aluno se familiarizar com as tecnologias e ver a escola como uma instituição “moderna e tecnológica” ou serão um meio para favorecer a aprendizagem dos alunos, ampliando suas habilidades e competências nas diversas áreas do conhecimento? Em que sentido serão mais úteis e adequados que o ensino tradicional pautado na aula expositiva? Serão atividades que vão propiciar instrução ou formação?

Esses questionamentos tornam-se pertinentes na medida em que se discute a adoção das TIC's na Educação Básica no ensino da literatura. Se, por exemplo, um professor produzir um vídeo explicitando as características de uma determinada obra literária e destacando partes do texto para concretizar sua exposição, fará uso da tecnologia para reproduzir um método de ensino consolidado e amplamente seguido na escola: a aula expositiva. Dessa forma, o recurso tecnológico como uma videoaula simplesmente pode ser uma reprodução da forma tradicional de ensinar, sendo a mídia apenas o veículo da informação e não o meio para a formação do aluno ou a mediação para a aprendizagem. Pedro Demo (2011) chama a atenção justamente para isso: o recurso tecnológico não pode, por exemplo, manter a ideia de aula expositiva que reina no ensino presencial tradicional. Nesta aula expositiva, o professor explica presencialmente os conteúdos, construindo a reflexão para o aluno. Se uma aula for transmitida por teleconferência, por exemplo, mesmo que alcance outros espaços e muitas pessoas, o efeito será o mesmo, pois se dará continuidade a um ensino baseado no instrucionismo e a aprendizagem será supletiva (DEMO, 2011). De acordo com Demo, o professor precisa usar as tecnologias de forma pedagógica no sentido que, se as tecnologias forem usadas sem qualificação dos profissionais envolvidos, sem preparo e conhecimento, o instrucionismo permanecerá e “reforçará a inutilidade da aula expositiva” (2011, p. 86). Em outras palavras, o autor alerta para o fato de que as tecnologias, ou as novas mídias, devem contribuir para uma educação que ensine o aluno a pensar, ampliando a capacidade de aprender, pois “Não há como substituir que o aluno pense por si, pesquise, elabore, argumente, fundamente.” (2011, p. 81). E essas habilidades podem ser estimuladas pelas tecnologias.

A literatura e as atividades de análise literária na escola exigem a presença e a formação de alunos pensantes, ativos, capazes de decifrar o sentido de textos em prosa e verso. Estimular, então, o aluno a ser sujeito da sua própria aprendizagem, a pensar sozinho e em grupo, assimilando e construindo conceitos, interpretando textos, é outro desafio que se impõe ao adotar as tecnologias na educação e no ensino de literatura. Como alerta Demo (2011), em tempos de mídias no ensino, há uma grande tentação para a “cópia” e, em virtude disso, muitos alunos equivocadamente imaginam “pesquisar” enquanto na verdade estão simplesmente acumulando “pedaços de textos ou imagens, tendo como trabalho apenas navegar para coletar dados, sem se preocupar em tornar-se sujeito de conhecimento reconstruído” (2011, p. 81). Abordar textos literários de diferentes épocas, servindo-se dos recursos das TIC’s e evitando uma reprodução acrítica de proposições já formuladas e/ou publicadas no próprio meio digital, é, ao mesmo tempo, um desafio em tempos de cópias e plágios e também uma necessidade para revigorar o ensino da literatura na escola, ampliando o número de leitores e apreciadores de textos literários. Se há, inevitavelmente, uma propensão à cópia através do uso das TIC’s nas atividades escolares, é mister encontrar recursos tecnológicos que privilegiam então a autonomia do aluno, a construção de um saber que exige o pensar criticamente, que possam desenvolver uma habilidade na exposição lógica das ideias e argumentos e que, além disso, sejam convidativos ao aprender.

No Ensino Médio, o contato com o espaço virtual e seus recursos tecnológicos pode aproximar o aluno das disciplinas, uma vez que grande parte dos estudantes desse nível de ensino mantém relação de familiaridade com a internet e com os recursos que as TIC’s disponibilizam para troca de informações e para a interação social. Além disso, aproximar um conteúdo/disciplina de um campo de atuação que, normalmente, é bem visto pelos jovens pode ser uma forma de atraí-los para o estudo de áreas do conhecimento que, historicamente, serviram-se ou continuam a servir-se de práticas pedagógicas mais tradicionais. O estudo dos textos literários, por exemplo, pode ser motivado pela adoção de mídias das TIC’s, favorecendo que os estudantes estabeleçam reflexões sobre essa forma de manifestação artística, seus pressupostos teóricos e práticos e ainda ampliando suas habilidades de leitura crítica. Essa aproximação à literatura e à educação de um modo geral através das tecnologias, ou novas mídias, não é argumentação apressada. O próprio Pedro Demo assevera que “a nova mídia detém poder enorme de motivação do aluno (...) porque pode proporcionar ambientes mais atraentes e dinâmicos” (2011, p. 87) e ela ainda pode oferecer “informações e dados, textos e imagens, que podem ser sempre reconstruídos, de modo individual e/ou coletivo” (2011, p. 87), favorecendo, assim, a aprendizagem. A adoção de um ambiente virtual de



aprendizagem (AVA), nesse contexto, pode tornar o ensino mais convidativo para alunos do Ensino Médio.

Existem diversos recursos tecnológicos que podem mediar a construção do conhecimento de forma individual ou coletiva no plano virtual/não presencial desde que haja internet ou um AVA. Diferentes programas computacionais podem constituir um AVA. O *Moodle*, por exemplo, pode ser bastante útil para disseminar informações entre professores e alunos em um AVA. Para isso, o *Moodle* dispõe de ferramentas assíncronas e síncronas. É um programa livre, sem custos, que pode ser adotado pelas escolas ou professores para facilitar a distribuição de materiais didáticos das disciplinas e, especialmente, para favorecer a relação de troca entre os sujeitos, professor e alunos.

Diante de todas essas orientações para o Ensino Médio e da constatação de que é preciso avançar a reflexão sobre o ensino de literatura na escola, surgem alguns questionamentos: Como tornar o ensino da literatura algo que integre análise de texto literário e tendências artísticas, fugindo de um ensino meramente classificatório e esquemático da literatura e usando as mídias como ferramentas para aproximar o aluno dos textos literários? De que forma os recursos tecnológicos podem ser usados no ensino da literatura de forma a promover a aprendizagem dessa arte e, ao mesmo tempo, motivar os alunos para o estudo do texto e prepará-los para os desafios de exames avaliativos necessários para o ingresso no ensino superior? Diante de tais interrogações, entende-se que: i) a formação de professores que atuam nesse nível de ensino merece atenção, pois é necessário, nos cursos de formação docente, discutir metodologias que sejam adequadas ao contexto de alunos familiarizados com as tecnologias; ii) existe a necessidade iminente de a escola estar preparada para acolher alunos que usam as TIC's diariamente e as consideram ferramentas de comunicação, informação e conhecimento para que esses alunos não se afastem da escola e a vejam como instituição de construção de saberes e ainda de propiciar àqueles que não dominam as TIC's condições de conhecê-las e explorá-las; iii) as aulas em geral e as de literatura em particular, para atingir o interesse desse grupo discente cada vez maior precisam usufruir dos mesmos recursos usados pelos alunos para se aproximá-los da aprendizagem proposta e assim ressignificar o processo de ensino-aprendizagem, explorando o uso das tecnologias na Educação Básica.

Considerando esses fatores, observa-se que, dentre os recursos das mídias presentes para o desenvolvimento de práticas educativas, o *blog* pode constituir uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem da literatura, pois, conforme destaca Gomes (2005), os *blogs* já estão inseridos no contexto escolar e, pela diversidade de temas e recursos

de que dispõem, podem não apenas acelerar a presença da internet nas escolas como também constituir um modo transversal de qualificação do ensino.

3 O *blog* como ferramenta de aprendizagem

As tecnologias da informação e comunicação podem ser usadas através de ferramentas síncronas e assíncronas. As ferramentas síncronas são aquelas em que a comunicação se efetiva em tempo real, e as assíncronas são aquelas que ocorrem desconectadas do tempo e do espaço. Fórum, *chat*, conferência via *web*, *blog*, *podcast*, por exemplo, são algumas das ferramentas disponibilizadas pelas TIC's. O *blog* é um tipo de ferramenta assíncrona proveniente das TIC's e criado na internet. É uma espécie de diário eletrônico organizado cronologicamente em que os usuários postam mensagens chamadas de "posts".

O *blog* tem, entre suas funções, disseminar informações que o autor do *blog* julga importantes, destacar dados, compartilhar ideias, conceitos, histórias etc. Parte do princípio de que é preciso haver uma interação entre os sujeitos. Nesse sentido, vale ressaltar que, conforme Gomes (2005), o *blog* tem sido bastante explorado no meio educacional, havendo a chamada proliferação do "blogosfera":

Há *blogs* criados e dinamizados por professores ou alunos individuais, há *blogs* de autoria coletiva, de professores e alunos, há *blogs* focalizados em temáticas de disciplinas específicas e outros que procuram alcançar uma dimensão transdisciplinar. Há *blogs* que se constituem como portfólios digitais do trabalho escolar realizado e *blogs* que funcionam como espaço de representação e presença na Web de escolas, departamentos ou associações de estudantes. O leque de explorações e o número de professores e alunos envolvidos não para de aumentar. A *blogosfera* educacional é cada vez mais transversal aos diferentes níveis de ensino, do pré-escolar ao ensino superior (GOMES, 2005, p. 311).

Como um recurso para estreitar a relação entre sujeitos, seja entre professores e alunos ou entre alunos apenas, o *blog* pode ampliar o caráter interacionista do ensino, sendo possível relacionar tal ferramenta com a teoria sociointeracionista de Vygotsky, que concebe o ato de aprender como um fenômeno que se efetiva na interação com o outro. Em outras palavras, a aprendizagem se concretiza por meio da internalização, a partir de um processo anterior, de troca, que possui uma dimensão coletiva, do eu com o outro, no caso do professor com o aluno e vice-versa ou entre os próprios alunos. Para Vygotsky (1998), a aprendizagem expõe diferentes processos internos de desenvolvimento mental, que tomam corpo somente quando o sujeito interage com objetos e sujeitos em cooperação. No ensino de literatura, deve haver a interação entre professor e alunos ou entre alunos a partir de temas postos em discussão em fórum ou chat ou em *blog* acerca do objeto literatura ou textos literários ou tendências dos



textos literários, por exemplo. É uma forma de dar voz a todos os participantes do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a interação entre professor e alunos dar-se-á na relação de troca de informações, questionamentos, discussões, que vão além do ensino presencial da sala de aula tradicional.

Uma vez internalizada essa interação, ela passa a fazer parte das aquisições do desenvolvimento para nortear as estratégias de mediação do professor durante o processo de ensino-aprendizagem com os alunos. Essas estratégias são construídas com o objetivo de estimular os processos cognitivos superiores e não apenas a memorização e reprodução dos conceitos. Debater textos literários, destacar trechos de textos considerados importantes em uma obra, propor questionamentos, compartilhar experiências de leitura de escritos em prosa e verso através de um *blog* é uma forma de tornar especialmente os alunos sujeitos capazes de pensarem e viverem a literatura de modo a fazê-los sociabilizar suas construções de sentido para os textos, o que já é uma forma de fortalecer a literatura no Ensino Médio.

Assim, o interacionismo através do *blog* mostra-se fecundo para a aprendizagem da literatura, já que a leitura pressupõe o diálogo entre texto e leitores, cuja atuação pode ser ampliada graças à disseminação de estratégias virtuais para a promoção de leituras, literaturas, obras e autores. Fomentar a leitura e a aprendizagem da literatura através do *blog* oportuniza a interação de diversos recursos bem como a interação entre diversas pessoas distantes espacial e geograficamente, pois será possível que alunos de diferentes escolas e contextos educacionais interajam via *blog*. A web, nessa perspectiva, para Silva (2010), apresenta uma série de vantagens em relação a meios impressos de difusão de conhecimento, tais como: acesso amplo à publicação, edição de revistas com baixíssimo custo para os editores, alcance mundial de público, interatividade autor-leitor no processo de criação, recursos multimídia, criação de redes de afinidades entre escritores e/ou leitores. Esses traços elencados pelo autor corroboram com a perspectiva de que a aprendizagem, para ser autônoma, necessita da interação entre sujeitos e, considerando o contexto atual em que as mídias estão ao alcance de parcela significativa da população, a web passa a desempenhar um papel fundamental nesse processo.

Como ferramenta disponibilizada na web, o *blog* dispõe das mesmas facilidades arroladas por Silva (2010), somando-se o fato de que não necessita de AVA, reduzindo assim os custos financeiros que ficam restritos à necessidade de internet. O *blog* pode ser visualizado na página da internet por todos os alunos e o professor, o que garante uma relação de troca de informações e reflexões que pode contribuir para a consolidação de conceitos e perspectivas de análise textual. Pode ser usado, por exemplo, para apresentação de planos de

ensino, indicações bibliográficas, depósito de matéria selecionada, discussão orientada, aprendizagem colaborativa.

Como a comunicação via *blog* não é necessariamente instantânea, essa ferramenta ainda possibilita que os alunos estabeleçam pesquisas, produções textuais redações mais elaboradas para um posicionamento perante o grupo e que, por que não, proponham discussões para todos. É uma forma de tornar o aluno sujeito de sua aprendizagem como requer Demo (2011), pois, sendo publicados os textos para acesso irrestrito de internautas, naturalmente poderá haver maior cuidado em sua elaboração, o que já sinaliza uma vantagem da ferramenta quanto à habilidade de produção de texto.

Essa fundamentação metodológica baseada no sociointeracionismo que se revela, em termos tecnológicos, possível graças ao uso do *blog* no ensino de literatura na escola sugere que o ensino-aprendizagem parta da observação de um conhecimento real (aquele que o sujeito já possui e que é evidenciado na sala de aula presencial) para a construção, coletiva e baseada na interação com outros sujeitos, de um conhecimento potencial (novo conhecimento a ser construído a partir de problematizações, de questionamentos que instiguem os sujeitos a buscar novos saberes através do uso das ferramentas tecnológicas).

No entender de Germano e Baltazar (s.d., p. 3-4),

Os benefícios que podem advir da utilização dos *blogs* como ferramenta de apoio ao ensino são não só a nível de comunicação mas também de desenvolvimento de trabalho colaborativo. Alunos e professores poderão contactar de forma mais fácil e rápida, colocar questões, partilhar ideias, publicar trabalhos, textos, etc. Daqui pode advir também um maior cuidado com a escrita na medida em que os alunos sabem que poderão ser lidos pelos amigos e familiares e até por estranhos. Neste espaço todos têm a palavra, mesmo os mais tímidos que possam eventualmente ter mais dificuldade em falar em público terão aqui a oportunidade de demonstrar o seu interesse e mérito. Ergue-se assim uma pequena comunidade, cria-se uma proximidade entre professor e alunos, mas também entre os próprios alunos.

As proposições acerca do uso dos *blogs*, associados à interatividade que podem promover tal qual abordagem de Vygotsky (1998), podem ser consideradas compatíveis com as exigências dos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais para esse nível de ensino no sentido de que podem promover a aprendizagem e o domínio de tecnologias como estratégia para aprender. O conhecimento deixa de ser “introjetado” na mente dos alunos e passa a ser produto de processos de elaboração e construção constantes.

Para isso, vale seguir algumas orientações aos docentes para efetivação de *blogs* no Ensino Médio: o professor deve propor uma contribuição questionadora aos alunos de modo a fazê-los refletir e buscar informações acerca do tópico em discussão; deve ainda instituir uma contribuição debatedora, comentando as contribuições anteriores de cada aluno com



propriedade, respondendo a questionamentos ou apresenta contra-argumento quando encontrar um posicionamento equivocado ou sem concordância conceitual ou prática; e fazer uma contribuição sintetizadora de forma a selecionar fragmentos da discussão e elaborar parecer conclusivo acerca da reflexão construída pelo grupo.

Dada a possibilidade de interação entre professores e alunos em um *blog* bem como o aumento progresso de internautas que usam os *blogs* no contexto atual, Gomes (2005, p. 311) discute sobre o “interesse pela exploração dos *blogs* como recurso e, simultaneamente, como estratégia didática, tem vindo progressivamente a conquistar adeptos sendo possível identificar já diversas experiências e práticas continuadas neste domínio”.

Pelo fato de as entradas de informações postadas serem organizadas cronologicamente, permitem que haja uma discussão ascendente e sistematizada, de forma que diálogos possam ser organizados a fim de promover a interação dos blogueiros. A própria organização dos tópicos e dos textos e/ou imagens postados é uma forma de aprendizagem acerca da produção de texto para publicação online, ampliando as possibilidade de escrita (não apenas para textos impressos).

Gomes (2005, p. 312) acrescenta que “Um *blog* pode ser para o seu autor um simples arquivo de links úteis enriquecido com comentários ou descrições do seu teor”, e nessa perspectiva, para o ensino-aprendizagem de literatura, pode constituir uma ferramenta rica para a pesquisa e seleção de referências (online ou não) para aprofundamento de estudos.

Os *blogs* também se caracterizam por apresentar, segundo Gomes (2005), diversidade de forma, de objetivos e de criação, o que permite sua utilização, por exemplo, em trabalhos que visam a apresentar resenhas críticas de obras como também de textos de criação poética discente, ou ainda construir paralelos entre literatura e outras artes. Enfim, o *blog* constitui uma ferramenta que, dependendo do planejamento da aula e dos objetivos das atividades, pode ser explorado de diferentes maneiras, com a vantagem de ampliar as formas de leitura e escrita.

O autor do *blog* pode ser individual, institucional ou coletivo, o bem possibilita ao professor a utilização dessa ferramenta tanto para atividades grupais, que permitem a aprendizagem colaborativa no grupo, quanto individuais. No caso de *blogs* individuais, é comum o uso do formato de diários eletrônicos, que servem, por exemplo, para registrar impressões de leituras de textos literários ou até mesmo incursões de jovens na escrita de poemas, contos, crônicas como forma de aproximação de leitores e literatura. São vários os exemplos de *blogs* que se propõem a tal tarefa.

O *blog* do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, da Universidade de Brasília¹, por exemplo, é atualizado, apresenta informações relevantes e é uma referência importante para os estudos de literatura brasileira, pois traz informações sobre eventos ligados à literatura contemporânea e *links* com teses e dissertações sobre esse enfoque, possibilitando que, ao conectar os textos, o internauta conheça pesquisas e aprimore seus conhecimentos. Outro exemplo de *blog* é o criado pelo Instituto Moreira Salles², que, embora a atualização não seja constante, traz vídeos, entrevistas e resenhas sobre crítica literária e livros recentemente publicados, constituindo uma fonte de consulta para pesquisa sobre literatura. A organização das seções, no menu à direita, possibilita organização do *blog* e acesso a diferentes formatos de publicação.

Para Gomes (2005), o *blog* pode ser tanto um recurso como uma estratégia de aprendizagem. Nesse sentido, pode constituir um espaço de acesso à informação especializada e espaço de disponibilização de informação por parte do professor, espaço de intercâmbio e cooperação (inclusive entre escolas), espaço de debate, espaço de integração que pode ser explorado, por exemplo, em case de distanciamento espacial e temporal de aluno às aulas. Como espaço para disponibilização de informação especializada, o *blog* pode ser ferramenta para indicação de leituras e filmes, de publicação de resenhas críticas e bibliográficas...

Como forma para depositar virtualmente informação do docente, o *blog* pode contribuir para que, em caso de instituições que não dispõem de ambientes virtuais de aprendizagem, ser uma ferramenta para alocação virtual de materiais didáticos e textos literários para os alunos bem como de acompanhamento das atividades pedagógicas, pois os *blogs* são “espaços de publicação na web, facilmente utilizáveis por internautas sem conhecimentos de construção de websites, e frequentemente sem custos para os seus criadores existindo sites que disponibilizam sistemas de criação, gestão e alojamento gratuito de *weblogs*” (GOMES, 2005).

Na exploração do *blog* como espaço de debate, é possível que discussões, com questões previamente planejadas de acordo com os objetivos da aprendizagem, sejam realizadas com êxito e participação do grupo envolvido, que poderá envolver-se com pesquisas e leituras prévias para participação das atividades, contando com o horário que for mais adequado. Na condição de espaço de intercâmbio e cooperação, estes podem ocorrer no grupo de alunos de uma disciplina específica ou entre vários grupos. Quanto à cooperação entre escolas, os *blogs* podem constituir veículos de diálogo entre trabalhos realizados por

¹ Endereço do *blog* é: <http://gelbcunb.blogspot.com.br/>.

² Endereço do *blog* é: <http://blogdoims.uol.com.br/tag/literatura-brasileira/>.



turmas, projetos e disciplinas que tenham pontos em comum, até como forma de aprendizagem colaborativa e trocas de experiências entre profissionais e alunos, sociabilizando saberes.

É importante frisar que o *blog* não constitui a aula de literatura em si, mas uma ferramenta a mais à disposição de professores e alunos com o objetivo de motivar para aprendizagem, de intensificar a cooperação entre o grupo, apresentar indicações úteis para o estudo da literatura, incentivar o aluno a fazer pesquisas e a ler textos literários. É assim uma forma de aproximar o aluno internauta das atividades de aprendizagem da literatura. É ainda preciso esclarecer que, conforme destacam Baltazar e Germano (s.d, p. 4) “um *blog* necessita de ser alimentado frequentemente para não ficar desatualizado, sendo para isso necessário um trabalho constante de pesquisa, selecção, reflexão e publicação”. Ainda é oportuno salientar que, embora o *blog* ofereça diversos atrativos para aprendizagem, para que seu uso seja eficaz, é preciso motivar os alunos e professores a utilizá-lo com frequência mesmo que isso exija participação em horários extraclasse.

4 Considerações finais

Para que a formação de leitores críticos e autônomos seja uma realidade no Ensino Médio e os insucessos dos resultados das aprendizagens escolares sejam superados, é preciso alterar a forma de abordagem da literatura na escola. Nessa perspectiva, Ramos e Zanolla (2009), ao apresentarem uma experiência de êxito no trabalho com a literatura em uma turma iniciante neste nível de ensino, apontam que a interação do texto com o leitor é fundamental e que a leitura prazerosa pode desempenhar um papel importante nesse processo. Para as autoras, a recusa à proposta dos manuais didáticos de literatura usados na escola é um bom caminho para desviar-se do ensino unilateral da história literária em detrimento da interpretação dos textos, que se tornaria possível com a aproximação do leitor a eles.

O contato com textos e leituras, tal como destacam as pesquisadoras, pode ser fomentado através do uso de recursos da mídia, como a TV e o cinema, além das TIC's e das possibilidades que a internet traz a professores e alunos para construir saberes e interagir com o mundo e com os textos. Esse processo de mediação do leitor (no caso alunos e professores em especial e internautas em geral) com textos pode ser ampliado com o uso de ferramentas oportunizadas pelas TIC's, nas quais se incluem os *blogs* da internet.

As TIC's devem ser inseridas no contexto escolar numa prática formativa e não apenas como passatempo ou mero atrativo pedagógico. O desenvolvimento metodológico das aulas carece de atenção especial nesse cenário, já que o professor, ao usar as tecnologias e mídias,



passa a ser um mediador do processo de construção do conhecimento, um orientador das reflexões a serem suscitadas para os alunos e não mais o detentor dos saberes. Na medida em que os recursos tecnológicos propiciam a troca de informações e a aprendizagem de mão dupla, do professor e do aluno, e que se tornam recursos auxiliares no desenvolvimento de propostas pedagógicas, a ampliação das habilidades e competências do professor é imprescindível. Consequentemente as habilidades de leitura aumentam, e o prazer de ler, a partir de uma tecnologia próxima do universo desse público, pode ser aflorado de forma natural. Isso porque, com o uso de *blogs*, por exemplo, o manuseio de textos e reflexões sobre literatura passa a ser algo natural, familiar ao aluno.

Assim, é urgente que professores dominem as tecnologias e saibam operá-las no ambiente educacional, pois, como afirma Silva (2012b), “Insistir no ensino tradicional, unidirecional e alheio ao novo universo da informatização e do ciberespaço, mesmo que o professor use outras mídias como a TV e o vídeo, só poderá intensificar ainda mais a crise educacional.” Conhecer as tecnologias e mídias disponíveis para o ensino-aprendizagem é uma condição necessária para que as áreas do conhecimento efetivamente adotem nas salas de aula os recursos tecnológicos como formas de construção do conhecimento. Nesse sentido, cabe retomar proposições de Demo, ao afirmar que “O manejo inteligente da presença virtual requer professores devidamente preparados. Esta é a condição decisiva.” (DEMO, 2011, p. 86) Para isso, são necessários investimentos, uma adequada política governamental de formação de professores, escolas bem equipadas e, também, predisposição docente a aprender e a democratizar o conhecimento de forma mais veloz através das mídias, estabelecendo um ensino que promova a criticidade, as leituras de mundo, a postura ativa do alunado diante de questões artísticas, sociais, políticas, históricas. E a literatura, que instiga o cotejo de textos e seus diálogos com outras áreas de formação, pode, com o auxílio das tecnologias, se bem exploradas didaticamente, mobilizar o aluno a essa leitura crítica do mundo, estimulando, de uma só vez, a ampliação das habilidades de análise e interpretação literárias e, em consequência, de compreensão do contexto/mundo.

Como forma de síntese dessa reflexão acerca do uso das tecnologias no ensino da literatura e na educação em geral, cabe a seguinte declaração de Demo:

a nova mídia poderia ser esforço substancial à “política social do conhecimento”, no duplo sentido de acesso democratizado ao conhecimento disponível e sobretudo de participação cada vez mais efetiva na engrenagem produtiva do conhecimento (DEMO, 2000, 2002a); se a grande exclusão dos novos tempos é a exclusão do conhecimento, a nova mídia poderia ser alternativa importante de acesso, desde que se torne fundamentalmente “política pública”, para além de sua mera



mercantilização; poderia ser investimento estratégico na capacidade popular de saber pensar, ou de “ler” a realidade criticamente para poder nela interferir, no sentido de Paulo Freire. (DEMO, 2011, p. 87)

Nessa perspectiva, um investimento estratégico para qualificação do ensino-aprendizagem de literatura no Ensino Médio parece ser o uso dos *blogs* que permitem a professores e alunos i) a alfabetização digital e a aproximação da escola às TIC’s, o que é um dos deveres das instituições educacionais na era cibernética, de forma a promover a informatização do ensino; ii) a ampliação da interatividade já assim não circunscrita apenas aos momentos síncronos previstos da grade curricular; iii) a inserção de atividades, como comentários, indicações de leitura e análises através de posts, voltados à leitura de textos literários; iv) abertura das salas de aula para um universo mais amplo, já que os *blogs* possibilitam o acesso de todos os internautas ao que é postado.

Compartilhando com a tese de Zinani e Santos (s.d, p. 1) segundo a qual, no contexto da abordagem da literatura na escola, a postura de aluno e professor “vai traduzir o interesse, o gosto e a frequência a essa modalidade de produção cultural”, acredita-se que o uso do *blog* pode constituir uma forma eficaz de aproximação do aluno à literatura e dessa forma pode cativar este ao prazer de ler textos literários e colaborar no processo de formação de leitores críticos e autônomos.

No entanto, é preciso ponderar que essa política social do conhecimento viabilizada através de *blogs* não pode ser tornar um “túmulo internético” para usar a expressão de Jobim (2005, p. 129), ou seja, os *blogs* devem ter uma vida autônoma formada por leitores que efetivamente usam essa ferramenta como forma de aprender e ler. Não será válida a criação e desenvolvimento de *blog* se esta ferramenta não for acompanhada de grupo de alunos e professores participantes das atividades propostas e de atualizações para que o espaço seja atrativo e fonte de informação. A credibilidade do recurso bem como sua aplicabilidade para o ensino-aprendizagem de literatura na escola depende desses fatores. Nesse sentido, cabe destacar que, mesmo havendo muitas iniciativas de uso do *blog* para o estudo da literatura no Brasil adotadas por diferentes escolas, ainda são incipientes os trabalhos acadêmicos que discutem a utilização do *blog* como uma ferramenta no ensino da literatura, identificando limites, avanços e desafios da tecnologia na aprendizagem da disciplina ou até mesmo “medindo” a produtividade da estratégia como forma de ampliar o gosto dos alunos pela literatura e cotejo de textos.

O *blog* constitui um meio, uma ferramenta e não um fim para a aprendizagem de literatura no Ensino Médio. Deve ser um recurso usado para atingir objetivos concretos de

aprendizagem e, por si só, não garante a qualidade do ensino de literatura na escola. Almeida (2011), ao referir-se sobre a interatividade e os ambientes virtuais de aprendizagem usados nos ensinamentos presencial e a distância, assinala que o contexto, os objetivos pedagógicos e as condições de deslocamento dos participantes devem nortear o uso das formas de comunicação e interação disponíveis virtualmente e alerta que os recursos devem ser selecionados em função da atividade programada e a formação requerida. Enfim, o *blog* só terá sua eficiência se for explorado em função das metas de aprendizagem fomentadas para o ensino de literatura.

Além disso, é preciso levar em conta que, para que o uso dos *blogs* se torne um recurso a mais para o ensino-aprendizagem da literatura no Ensino Médio, é necessário ter professores preparados para seu uso adequado, para que essa ferramenta não se torne um adereço sem função educativa. Os docentes precisam conhecer essas ferramentas, identificando suas potencialidades e adequações para diversos contextos, e especialmente precisam saber usá-las para que o ensino de literatura fuja dos métodos tradicionais não mais pertinentes a um contexto em que alunos convivem e vivem nos espaços cibernéticos e vêm nestes uma forma de interação, pesquisa e conhecimento.

USING BLOGS IN THE LITERATURE LEARNING PROCESS IN HIGH SCHOOL

Abstract: In the Brazilian educational context, there is a need for classes, both in basic education and higher education, incorporate the information and communication technologies (ICTs) and the media in general in promoting student learning and qualification process education, aiming at the qualification of the process and the improvement of results. Therefore, this article discusses the use of technology in teaching and learning of literature in high school in order to point out that technological resources such as blogs can be adopted in high school to not only motivate students to learn and analyze literary texts but also to expand student interest in learning literature, strengthening relationships established between classes and technologies available in cyberspace. In this reflection, due to their potential for interaction and dissemination of knowledge, the blog appears to be a significant tool for teachers and students approach literature as an instrument suitable for the formation of good readers.

Keywords: Learning. Literature. Technology. Blog.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco (org.). **Educação online**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 203-217.

BALTAZAR, Neusa; GERMANO, Joana. Os *weblogs* e a sua apropriação por parte dos jovens universitários. O caso do curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Algarve. Disponível em:
<http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/1_neusa_baltazar_e_joana_germano_prisma.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2012.

BRAGA, Patrícia Colavitti. O ensino de literatura na era dos extremos. **Revista Letra Magna**, n. 5, jul/ago. 2006. Disponível em: <www.letramagna.com/literatura.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: ministério da Educação, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2012.

BEVORT, Evelyne; BLLONI, Maria Luísa. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

CHIAPPINI, Ligia. **Leitura e construção do real**: o lugar da poesia e da ficção. São Paulo: Cortez, 2002.

DEMO, Pedro. Instrucionismo e nova mídia. In: SILVA, Marco (org.). **Educação online**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011. p. 77-90.

GIRAFFA, Lucia Maria Martins; FORTES, Luciane Oliveira. Utilizando *blogs* como ferramenta de suporte a aprendizagem de matemática no ensino superior. III Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2008. Disponível em:
<<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IIImostra/EducacaoemCienciaeMatematica/61500%20-%20LUCIANE%20OLIVEIRA%20FORTES.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

GOMES, Maria João. *Blogs*: um recurso e uma estratégia pedagógica. **Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa**. Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, 2005. p. 311-315.

JOBIM, J. L. A autoria, leituras e bibliotecas no mundo digital. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Literatura e informática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 115-131.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2003.

RAMOS, Flávia Brocchetto; ZANOLLA, Taciana. Repensando o ensino de literatura no Ensino Médio: a interação texto-leitor como centro. **Contrapontos**, Itajaí, v. 9, n. 1, p. 65-80, jan/abr 2009. Disponível em:
<<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/976/834>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

SILVA, Marciano Lopes e. O uso de *blogs* e *chats* no ensino de literatura. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 71-77, abr./jun. 2010.



_____. Ciberespaço e literatura: estratégias de ensino. **Anais do 1º CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários e 4º CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e literários.** Universidade Estadual de Maringá – UEM Maringá-PR, 9, 10 e 11 de junho de 2010 – 2010b. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/222.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

TEIXEIRA, Jerônimo. A pedagogia do Garfield. A literatura está virtualmente ausente do Enem. Para os técnicos do MEC, o gato dos quadrinhos é mais relevante culturalmente do que Graciliano Ramos. 2011. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/pedagogia-garfield-644833.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. Ensino de literatura: possibilidades e alternativas. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Ensino_de_literatura_.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2012.